

# EDITORIAL

## EDITORIAL

### AS FONTES DE PESQUISA PARA A MODA. UMA APROXIMAÇÃO interdisciplinar e arquivista da história da moda: pesquisa e ensino

Carolina Casarin

Sophie Kurkdjian

No processo de institucionalização científica do campo da Moda no Brasil, as produções bibliográficas, seja aquela publicada nos anais dos eventos, ou a editada em revistas acadêmicas, têm papel fundamental. Nesse contexto, os dossiês, conjunto de textos reunidos em torno de um mesmo assunto, acabam funcionando como uma roda de leitura ou de conversa, em que os artigos trocam ideias entre si. É assim que acontece com o dossiê desse número da publicação *EnsinarMode*. Mara Rúbia Sant’Anna, a editora da revista, nos propôs como tema a pluralidade de maneiras de se fazer a História da Moda por meio dos estudos materiais, visuais, culturais, graças à diversidade de arquivos e documentos. O objetivo era compor um repertório de artigos que tratasse de diferentes questões da História do Vestuário e da Moda, com abordagens de problemas variados.

A pesquisa sobre Moda – que nos países anglo-saxões tem o nome de *Fashion Studies* – é, por natureza, multidisciplinar. Assim, o ensino de Vestuário e Moda deve procurar contemplar a índole multifacetada de seu campo, respeitando a vocação de seus objetos. Neste dossiê, privilegiamos a diversidade das fontes e a relação entre pesquisa e ensino de Moda. No artigo “A Moda e o Vestuário como objetos de estudo na História”, Paulo Debom, doutor em História pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro e professor no Centro Universitário Celso Lisboa, nos ajuda a pensar a relação entre Moda e História como uma via de mão dupla, destacando os ganhos que trazem para os estudos históricos as abordagens que têm no Vestuário e na Moda seus objetos. O autor expõe e analisa os espaços simbólicos de legitimação que a pesquisa na área de História do Vestuário e da Moda vem ganhando, tanto no mercado editorial quanto nos simpósios realizados em eventos

acadêmicos. Como afirma Juliana de Mello Moraes em texto presente neste dossiê, “o estabelecimento da moda enquanto objeto de pesquisa se insere num movimento mais amplo de transformação da própria área da História e a ampliação dos objetos de estudo da História significou o alargamento do conceito de fonte”.

Nessa linha, o artigo de Everton Vieira Barbosa, doutorando em História pela Universidade Federal Fluminense, “Entre métodos e práticas: as fontes históricas aplicadas à moda como objeto de pesquisa”, ressalta a importância da problematização das fontes na construção de narrativas que deem visibilidade à moda utilizada por indivíduos e grupos em distintas sociedades no tempo e no espaço histórico. O autor chama atenção para o fato de que as fontes históricas não podem ser assimiladas naturalmente pelo pesquisador, e que um documento se transforma em fonte a partir das questões levantadas pelo pesquisador. É uma proposta metodológica fundamental para o campo da História do Vestuário e da Moda, que permite refletir e compreender os cuidados que devem ser tomados na utilização de diferentes documentos históricos, levando em consideração seus aspectos materiais, assim como questões relacionadas a produção, circulação, finalidade das fontes.

Como exemplo de utilização atenta e cuidadosa de fontes históricas na elaboração da História do Vestuário e da Moda, podemos citar o texto de Juliana de Mello Moraes, docente no Departamento de História da Universidade Regional de Blumenau, “Reflexões acerca dos testamentos e inventários para o estudo do vestuário na América portuguesa”. Após estabelecer as diferenças entre esses dois tipos de documentos, a autora tece considerações sobre as potencialidades para o estudo das aparências na América portuguesa a partir de inventários e testamentos produzidos entre os séculos XVII e XVIII. Esses documentos são primordiais para acessar os espólios individuais, pois elaborados no contexto da morte, arrolavam os bens móveis e imóveis para transmissão e partilha entre os herdeiros. As potencialidades dessas fontes permitem aos historiadores avaliarem diversos aspectos do cotidiano e da cultura material de determinado contexto. Além disso, Juliana discute também a possibilidade dessa documentação para a análise das conexões materiais presentes no vestuário entre os diversos territórios pertencentes à Coroa portuguesa.

No texto “Fontes para o estudo da Joalheria do Século XIX: As Exposições Universais”, assinado por Valesca Henzel Santini, museóloga e pesquisadora que trabalha no Serviço de Objetos do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, doutoranda em História Social na mesma instituição, e sua orientadora, Heloisa Maria Silveira Barbuy, as autoras utilizam documentos textuais e visuais das Exposições Universais realizadas em Londres, em 1851 e 1862, bem como da Exposição de Paris de 1889. Além de fotografias e cartões-postais da época, as autoras analisaram os

relatórios dos júris das exposições, no intuito de identificar os critérios utilizados para a escolha das joias premiadas, e também catálogos e jornais ilustrados. Assim, elas procuram identificar as contribuições das Exposições Universais para a disseminação de padrões na joalheria da segunda metade do século XIX, uma vez que esses grandes eventos, símbolos do capitalismo contemporâneo, foram palco para demonstrações dos ideais de progresso e avanços tecnológicos vigentes, sendo igualmente o espelho dos valores e gostos da elite europeia oitocentista, que eram reproduzidos nas classes dominantes no Brasil.

Em março deste ano, Renata Fratton defendeu sua tese de doutorado em História pela PUC do Rio Grande do Sul sobre o acervo do estilista gaúcho recém-falecido Rui Spohr. Fruto de um trabalho de imersão no acervo de Spohr, onde pesquisou documentos e peças, a autora nos apresenta, no artigo “Da Coleção ao Arquivo: considerações sobre o acervo de Rui Spohr”, parte de sua tese, que tratou do modo como o costureiro construiu a sua imagem e seu espaço de atuação a partir da cidade de Porto Alegre. Levando em consideração o trabalho de enquadramento da memória, neste artigo Fratton, que é professora de História da Moda e Desenvolvimento de Coleção na Universidade Feevale, demonstra como o processo de organização da narrativa e da auto-imagem de Rui Spohr relaciona-se à constituição de seu acervo pessoal, um lugar de memória que, revisitado, se abre a novas possibilidades.

Susanne Pinheiro Dias e José Mariano Klautau de Araújo Filho fecham essa instigante reunião de textos com o artigo “Documentação de coleções museológicas de vestuário: classificando uma roupa híbrida na Coleção Amazoniana de Arte da UFPA”. Susanne Dias é mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia, orientada por José Mariano Klautau. Em sua dissertação, debruçou-se sobre uma peça do estilista paraense André Lima, parte do conjunto doada pelo estilista à Coleção Amazoniana de Arte da UFPA. O artigo trata do desafio de catalogar um objeto que mistura as estruturas de vestuário aberto (próprio das saias e vestidos) e fechado (calças, bermudas, calcinhas etc.), questionando uma lógica de classificação pautada na estabilidade dos objetos. Dias e Klautau refletem sobre as particularidades da gestão de acervos de moda no Brasil, além de apontarem chaves de compreensão do pensamento criativo de André Lima e da moda contemporânea brasileira.

Havendo autores das regiões Norte, Sudeste e Sul, é possível fazer uma leitura transversal, comparando horizontalmente, como é de hábito nas rodas de conversa, os diferentes métodos e modelos teóricos adotados no campo do Vestuário e da Moda por nossos pesquisadores, bem como as peculiaridades dos olhares

lançados aos objetos. No Brasil, os primeiros cursos de graduação e pós-graduação em Moda foram criados no final da década de 1980. O reconhecimento acadêmico entre os pares é peça-chave no processo de institucionalização social do campo dos estudos sobre Moda no Brasil. Foi também no final dos anos 1980 que a historiadora norte-americana Valerie Steele deu o primeiro passo na iniciativa de criação da disciplina *Fashion Studies* nos Estados Unidos, ao publicar sua obra *Paris Fashion: A Cultural History*, lançado pela Oxford University Press em 1988 (e ainda sem tradução para a língua portuguesa).

Na França, se por um lado há ampla oferta de formações em estilismo, business, marketing, e em gestão de moda, por outro, a pesquisa sobre moda – histórica, sociológica, antropológica, na esfera do design e da tecnologia – é menos frequente. Apesar dos primeiros estudos sobre a história do vestuário empreendidos no final do século XIX, a moda foi durante muito tempo um assunto esporádico no contexto das pesquisas acadêmicas desenvolvidas nas universidades francesas.

Após os trabalhos empreendedores de Roland Barthes e Pierre Bourdieu, é de novo nos anos 1980 que, motivados pela corrente da história cultural, dois historiadores, Philippe Perrot e Daniel Roche, se interessaram pela moda sob o ângulo da história social das representações.<sup>1</sup> Ao mesmo tempo, os *Fashion Studies* se desenvolviam na Grã-Bretanha, marcados pela interdisciplinaridade e pela colaboração entre universidades e museus. Nos Estados Unidos, o cenário se configurou como o entrelaçamento dos *New Cultural Studies*, *Gender Studies*, *Women's Studies*, além do *Business History*.

Fica estabelecida, portanto, uma diferença fundamental entre os sistemas acadêmicos anglo-saxão e francês. Na França, é flagrante o desnível entre as potencialidades de sua história e de seu patrimônio e a realidade da pesquisa acadêmica. Mesmo que os arquivos privados das casas de alta-costura e dos estabelecimentos de prêt-à-porter (de Lanvin a Chanel, passando por Dior, Chloé, Sonia Rykiel, Paco Rabanne), assim como os arquivos públicos, guardados nos museus e nas bibliotecas, estejam entre os mais importantes do mundo, a moda ainda não está totalmente integrada aos currículos universitários.<sup>2</sup>

Em meados dos anos 2000, uma nova geração de pesquisadores procurou definir metodologias e abordagens de modo a introduzir a história cultural, social,

---

<sup>1</sup> Estamos falando mais especificamente das obras **Sistema da moda** (1967), de Roland Barthes, “O costureiro e sua grife: contribuição para uma teoria da magia” (1975), Pierre Bourdieu, **Les dessous et les dessus de la bourgeoisie: une histoire du vêtement au XIXe siècle** (1981, ainda sem tradução para a língua portuguesa), de Philippe Perrot, e **A cultura das aparências: uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII)** (1989), de Daniel Roche.

<sup>2</sup> Conforme Dominique Veillon, “Quelques éclairages sur l'histoire de la mode contemporaine,” **Le Mouvement Social**, 4/2007 (nº 221), p. 3-7.

material da moda no campo acadêmico, encorajando a colaboração da universidade com museus e arquivos privados. Conseqüentemente, na década de 2010, ocorreram diferentes iniciativas no ambiente universitário francês que encorajaram o desenvolvimento de trabalhos científicos sobre moda, no mestrado e, em menor escala, no doutorado. São pesquisadores que atuam nas universidades, como Lille 3, Paris I - Panthéon Sorbonne, Universidade de Angers, de Lyon; e nas escolas, a Escola de Chartres, Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, Escola do Louvre, entre outras. Essas iniciativas fazem com que a moda se torne pouco a pouco um objeto de pesquisa legítimo.

Nos últimos anos, o interesse pela gênese e composição do campo acadêmico sobre Vestuário e Moda tem crescido por aqui. Em 2010, Maria Claudia Bonadio, professora da Universidade Federal de Juiz de Fora, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Artes, Cultura e Linguagens, publicou na **lara: revista de Moda, Cultura e Arte** o artigo “A produção acadêmica sobre moda na pós-graduação stricto sensu no Brasil”. É de 2012 o texto “Sophia Jobim - pioneirismo no estudo de indumentária no Brasil”, de Fausto Vianna, que está nos **Anais do Museu Histórico Nacional**. Vianna é professor de cenografia e indumentária na Escola de Comunicações e Artes da USP. A indumentarista Sophia Jobim, como ela própria se denominava, cujas coleção de objetos e biblioteca hoje pertencem ao Museu Histórico Nacional, foi criadora do curso de Indumentária na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Sophia Jobim também é tema de pesquisa para os professores Madson de Oliveira e Maria Cristina Volpi, ambos atuantes na Escola de Belas Artes. Volpi assinou em 2018, juntamente com Maria do Carmo Rainho, pesquisadora do Arquivo Nacional que tem atuado junto ao acervo de indumentária do MHN, o artigo “Looking at Brazilian fashion studies: Fifty years of research and teaching” (“Olhando para os estudos de moda no Brasil: 50 anos de pesquisa e ensino”), na revista **International Journal of Fashion Studies**. As autoras detectaram que no Brasil percebe-se que a produção acadêmica se concentra na área de História.

No campo da Ciência da Informação, foi publicada em 2017, no periódico **Perspectivas em Ciência da Informação**, a pesquisa “As instituições, produtores e produtos científicos do campo da moda no Brasil”, coletivamente realizada por Orestes Trevisol Neto, Ligia Maria Arruda Café e Edna Lúcia da Silva.<sup>3</sup> Paulo Debom afirma em seu texto: “Percebe-se que os preconceitos estão gradativamente diminuindo e, com

---

<sup>3</sup> Os três pesquisadores ligados ao campo da Ciência da Informação. Orestes Trevisol Neto é mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina, Ligia Maria Arruda Café é doutora em Linguística pela Université Laval (Canadá) e professora associada do Departamento de Ciência da Informação, e Edna Lúcia da Silva é doutora em Ciência da Informação pela UFRJ/IBICT.

## EDITORIAL

isso, a produção nacional enriquecendo. Diante desse cenário, nota-se que a Moda e o Vestuário conseguiram realmente se estabelecer enquanto objetos de estudo e pesquisa no cenário brasileiro”. Fica, portanto, uma nota de otimismo.

Vale destacar a trama entre pesquisa, arquivos e ensino que está por trás dos artigos apresentados neste dossiê. Desejamos mais uma vez mostrar o quanto a pesquisa e o saber científico estão relacionados às práticas de manutenção de uma sociedade. A pesquisa, que gera conhecimento e tecnologia, vincula-se diretamente ao nosso patrimônio material, às fontes da nossa história e à construção da memória de nosso povo. E são as elaborações discursivas do passado que sustentam o presente.